

A VERSATILIDADE PRONOMINAL NAS PESSOAS DO DISCURSO

THE PRONOMINAL VERSATILITY IN THE PEOPLE OF THE DISCOURSE

Valmir Joaquim da Silva Junior¹
Mestre em Letras
Universidade Federal de Pernambuco
(valmir_joa@hotmail.com)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo verificar o funcionamento dos pronomes pessoais quando estes assumem a função de fazer referência às pessoas do discurso. Entendemos por versatilidade pronominal a propriedade do pronome pessoal de poder se referir a outra pessoa do discurso, diferente daquela apontada pelas gramáticas. Como aporte teórico, utilizamos os estudos de Carvalho (1991), Monteiro (1994) e Benveniste (1995) sobre os pronomes pessoais e os trabalhos de Lopes (2007, 2012) a respeito do tratamento dos pronomes pessoais no ensino. Por acreditarmos que é na modalidade oral que as pessoas do discurso estão marcadas de maneira mais forte, recorremos a situações de uso real da língua. Desse forma, nosso *corpus* é composto por doze entrevistas do Grupo de Discurso e Gramática realizadas com estudantes na cidade de Natal entre 1993 e 1994. Os resultados da pesquisa apontaram que o comportamento dos pronomes pessoais, quando estes representam as pessoas do discurso, se dá de forma cada vez mais heterogênea. Com isso, podemos concluir que a gramática, ao abordar o quadro pronominal e sua referência às pessoas do discurso, não pode continuar tratando-o de forma taxativa, desprezando esse caráter versátil dos pronomes.

Palavras-chave: Pronomes Pessoais. Versatilidade pronominal. Pessoas do Discurso.

ABSTRACT: This article aims to verify the functioning of personal pronouns when they assume the function of referring to the people of the discourse. We understand by pronominal versatility the property of the personal pronoun to be able to refer to another person of the discourse, different from that pointed out by the grammars. As a theoretical contribution, we used the studies of Carvalho (1991), Monteiro (1994) and Benveniste (1995) on personal pronouns and the works of Lopes (2007, 2012) regarding the treatment of personal pronouns in teaching. Because we believe that it is in the oral modality that the people of the discourse are marked in a stronger way, we resort to situations of real use of the language. Thus, our corpus is composed of twelve interviews of the Discourse and Grammar Group conducted with students in the city of Natal between 1993 and 1994. The results of the research pointed out that the behavior of the personal pronouns, when these represent the people of the discourse, happen in an increasingly heterogeneous way. Thereby, we can conclude that grammar, when approaching the pronominal framework and its reference to the people of the discourse, cannot continue to treat it in a limiting way, disregarding this versatile character of pronouns.

Keywords: Personal pronouns. Pronoun Versatility. People of the Discourse.

Introdução

A perspectiva de língua como interação, que ganhou força nas últimas décadas na área da Linguística, não se preocupou apenas em definir ou delimitar o

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

que é a língua, mas também introduziu a reflexão sobre os papéis dos sujeitos nessa interação. Uma das formas de se colocar e colocar o outro no texto, seja na escrita seja na fala, é pelo uso dos pronomes, sobretudo os pronomes pessoais.

Carvalho (1991) nomeia as pessoas do discurso da seguinte forma: elocutivo (a primeira pessoa), a pessoa que fala, representada pelo pronome **eu** no singular e **nós** no plural; alocutivo (a segunda pessoa), a pessoa com quem se fala, representada por **tu/você** na forma singular e **vocês** na forma de plural; e delocutivo (a terceira pessoa), aquele de quem se fala, caracterizado pelos pronomes **ele-ela/eles-elas**, nas modalidades singular e plural, respectivamente. Porém, percebemos que essas definições tradicionais não dão conta da pluralidade de situações que acontecem na fala e na escrita, haja vista o caráter versátil dos pronomes pessoais.

Há a possibilidade de determinado pronome pessoal se referir a uma outra pessoa do discurso, diferente daquela apontada pelas gramáticas. Ou seja, um pronome não está sempre representando e ligado a uma mesma pessoa do discurso. Queremos dizer com isso que, nem sempre que o pronome **você** aparecer em um texto, ele estará se referindo à segunda pessoa, assim como o pronome **eu** pode não se referir diretamente à primeira pessoa, aquela de quem parte o discurso.

O nosso objetivo geral é identificar e descrever como ocorrem os casos de versatilidade pronominal nas pessoas do discurso, bem como verificar o funcionamento dos pronomes pessoais em situações reais da língua. São três os nossos objetivos específicos: a) averiguar se a definição da gramática tradicional para os pronomes pessoais e as pessoas do discurso que eles representam se aplicam a algumas ocorrências da língua portuguesa; b) perceber que tipo de construções com os pronomes os falantes podem lançar mão para realizar seus atos de fala, e com isso observar como tais falantes estão se colocando no texto; c) discutir sobre a função dos pronomes pessoais no discurso.

As gramáticas tradicionais e os manuais didáticos não têm dado muita atenção a essa nuance dos pronomes pessoais, mesmo sendo esse aspecto dos pronomes já apontado em diversos estudos mais recentes, todos numa perspectiva mais funcional, como Neves (2011) e Castilho (1996). Sendo o ensino de gramática na escola baseado numa gramática tradicional, é preciso rever posições e atentar para o fato de que não podemos encarar as categorizações e classificações presentes na

gramática de forma tão rígida e absoluta. O aluno precisa estar ciente, sobretudo para usar a língua com mais propriedade, que na modalidade oral, a língua ganha novas possibilidades de uso.

Para verificar o funcionamento dos pronomes pessoais, escolhemos como *corpus* doze entrevistas realizadas com estudantes dos níveis superior, médio e fundamental da cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte, disponível no endereço eletrônico <http://www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/download/natal.pdf>. Tais entrevistas são parte do *corpus* do Grupo Discurso e Gramática. Escolhemos investigar os pronomes pessoais nesse *corpus* por acreditarmos que é na modalidade oral da língua que ocorre a versatilidade pronominal que estamos nos propondo a analisar.

Os pronomes pessoais: conceitos, tipos e versatilidade

Segundo Carvalho (1991), os pronomes pessoais são signos vazios de referência à realidade, e apenas quando são usados no discurso é que se tornam plenos. Vê-se que, nessa definição, a noção de substituição, que permeia a visão tradicional de que os pronomes são termos que servem como substitutos, permanece. Nos pronomes pessoais, ela decorre da natureza fórica, isto é, advém da sua capacidade de fazer referência. Diz-se que essa referência pode ser anafórica, quando uma pessoa ou coisa que já foi citada é retomada no texto, ou catafórica, quando a pessoa ou coisa ainda será referida. É válido destacar que não são apenas os pronomes que têm essa propriedade de referência anafórica/catafórica. A retomada de um termo citado no texto pode ser feita por um sinônimo, por um adjetivo etc.

Há, ainda, a possibilidade de fazer referência a um dos interlocutores na comunicação, as chamadas pessoas do discurso. Desse modo, dizemos ter o pronome duas funções básicas: a) função textual, de dar continuidade ao texto, reportando-se a elementos do próprio texto, e b) função interacional, representando, na fala, os papéis discursivos dos falantes. Na tabela abaixo, Neves (2009) apresenta as formas dos pronomes pessoais, fazendo referência às três pessoas gramaticais/discursivas:

	Singular	Plural
1ª pessoa	Eu	nós
2ª pessoa	tu, você	vós, vocês
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas

Tabela 01

(NEVES, 2009, p. 450)

As pessoas do discurso são aquelas que participam do processo comunicativo. Assim, seguindo a linha de pensamento de Benveniste (1995), só seriam pronomes pessoais de fato os de primeira e segunda pessoas, pois só esses fazem referência às pessoas que participam e interagem ativamente no discurso. Desse modo, não existiria a noção de **pessoa** na terceira pessoa, ficando ela fora dessa situação de correlação interativa em que estão inseridos **eu** e **tu**. Tudo que está fora dessa relação é terceira pessoa. Por conta dessa falta de noção de pessoa, Benveniste (1995) intitula a terceira pessoa de **não pessoa**.

Benveniste fez reflexões sobre essa vertente no estudo dos pronomes pessoais, que se destinava a opor as pessoas do discurso. O autor destacou algumas diferenças entre as duas primeiras e a terceira pessoa. Segundo ele só nessa relação de oposição é possível identificar os traços que diferenciam tais pessoas. Para ele, **eu** e **tu** são únicos. A unicidade desses pronomes é notável uma vez que, no texto, **eu** será sempre a pessoa de quem parte do discurso, e **tu**, sempre para quem se fala; já **ele** pode ter uma gama de referentes diferentes ao longo do texto. Num mesmo ato comunicativo, o **eu**, único que é, pode utilizar **ele** para se referir a várias pessoas citadas ao longo do texto. Outro aspecto que caracteriza a diferença entre as pessoas é justamente o fato de a terceira poder referir-se não somente a seres humanos, mas a coisas, objetos, animais, abstrações, etc. Por isso, Benveniste (1995) diz que **eu** se define apenas em termos de locução, enquanto **ele** se definiria em termos de objeto.

Eu e **tu** se associam a uma série de indicadores (temporais, espaciais, etc.), pois tais indicadores, a que se costumou chamar de dêiticos, estão na mesma instância do discurso que tais pronomes. Para exemplificar essa relação, Benveniste (1995) aborda o demonstrativo **este** e sua relação com os indicadores de pessoa.

Também menciona os advérbios **aqui** e **agora**, que seriam responsáveis por fazer uma delimitação espacial e temporal no discurso do falante entendido como **eu**.

Outra característica distintiva das pessoas do discurso é a propriedade de **eu** e **tu** de se revezarem e se completarem no ato enunciativo. O indivíduo que se concebe como **eu**, concebe automaticamente o outro como **tu**, porém este que foi concebido como **tu** também é **eu** quando a relação se inverte no momento do ato de fala, e aquele que era **eu**, agora é **tu**. Para que haja interação de fato é preciso que aconteça essa troca de turno entre aqueles que participam do processo interativo. Essa particularidade ocorrida entre **eu** e **tu** não existe em **ele**.

Essas observações deixam claro que os pronomes de primeira e de segunda pessoa diferem dos de terceira quanto às suas naturezas e às suas funções no discurso. Benveniste (1995) resume as diferenças entre tais pronomes salientando que

O que é preciso considerar como distintiva da “terceira pessoa” é a propriedade 1.º de se combinar com qualquer referência de objeto; 2.º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3.º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativos; 4.º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui*, *agora*, etc. (BENVENISTE, 1995, p. 283).

A seguir, veremos as características de cada um dos pronomes pessoais com objetivo de verificar qual sua função e como ele tem sido usado pelos falantes, e que tipo de variação essa classe de palavras vem sofrendo ao longo do tempo.

Eu/Nós

O pronome de primeira pessoa singular do discurso **eu** tem função exofórica ou dêitica, ou seja, é o responsável por fazer referência a umas das pessoas nas situações de comunicação: a pessoa de quem parte o discurso, estando assim fora do texto.

Carvalho (1991) aponta que o referido pronome pertence ao nível pragmático da linguagem, fazendo referência à pessoa que fala. Sendo assim, só tem sentido quando utilizado no discurso, e nessa mesma instância discursiva na qual é produzido. O consenso entre as gramáticas é classificá-lo como correspondente à pessoa de quem parte o discurso. Entretanto, alguns estudiosos (CASTILHO 1996, NEVES

2001) consideram essa informação insuficiente. É preciso informar que esse **eu** não é somente a pessoa que fala, mas a pessoa que implica um enunciado sobre ela mesma, ou seja, fala de si própria no ato enunciativo. Esse complemento ao conceito tradicional do **eu** se torna importante quando se percebe que esse pronome pode não fazer referência ao falante de quem parte o discurso, mas pode ser usado de forma genérica, como no exemplo seguinte, produzido por um falante que estava comentando acerca das vantagens de fazer um curso técnico: “Num curso técnico **eu** posso entrar mais fácil, **eu** posso me formar mais rápido, **eu** posso até mesmo já sair empregado”.

Na sua forma plural, a primeira pessoa do discurso é representada pelo pronome **nós**. Ele tem a capacidade de unir as três pessoas do discurso, sendo a primeira (eu) obrigatória, e as outras duas, variáveis. A princípio, o **nós** não será formado por **eu + eu**, pois o **eu** é único e não admite pluralidade. Isso significa que um **não eu** deverá estar presente no plural.

Porém, para Carvalho (1991) há casos em que o **nós** tem aspecto genérico, podendo não incluir um **não eu**, mas apenas o **eu**, conferindo-lhe assim um significado singular, ou até mesmo podendo excluir tanto o **eu** quanto o **não eu**.

Tu/você/vocês

O **tu** é o pronome de segunda pessoa do singular, e, assim como o **eu**, está situado no nível pragmático da linguagem. Esse pronome só é concebido quando proferido por um falante que se considere o **eu** na situação de comunicação. Há uma relação de oposição e complementaridade entre o **eu** e o **tu**, que se estabelece porque **eu** pode virar **tu** e vice-versa. Esses pronomes se complementam na instância discursiva da qual fazem parte. Podemos dizer que o **tu** está em uma relação de dependência com o **eu**, uma vez que só existe quando **eu** se entende como sujeito enunciador do discurso.

Um fenômeno já estudado por alguns autores, (Lopes 2007, Menon 1995) é que, hoje, o quadro pronominal do português no Brasil tem-se ampliado. Para a segunda pessoa, o pronome mais empregado no país não é o **tu**, e sim o **você**. Este, por sua vez, não deixou de ser pronome de tratamento, como a norma gramatical brasileira sempre o classificou, porém sua utilização como segunda pessoa direta,

fazendo as vezes de **tu**, é tão expressiva que alguns autores (NEVES 2011, CASTILHO 1996) já entendem que **você** se trata de um pronome pessoal também.

Ocorre que tanto um quanto o outro pronome, às vezes, fogem da função de referir-se ao interlocutor a quem se destina a mensagem. Bechara (2011) corrobora com essa possível funcionalidade do **tu/você** quando diz que

A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém, sem dúvida, ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocação e fazê-la entrar numa variedade de 'impessoal'" (BECHARA, 2011, p. 162).

Vejamos um exemplo que corrobora com essa possível funcionalidade do **você** citada acima por Bechara. O pronome se refere não especificamente a uma segunda pessoa, mas pode estar ligado ao falante. Exemplo: "Você chega em casa cansado e ainda tem que estudar e arrumar a casa".

Se o **tu** tem como concorrente o **você** e vem até mesmo perdendo espaço para ele, o mesmo não acontece com a segunda pessoa do plural **vós**, que entrou num anacronismo praticamente completo, sendo largamente substituído por **vocês**.

Ele/eles/ela/elas

Diferente do **eu** e do **tu/você**, os pronomes **ele/eles/ela/elas**, que designam a terceira pessoa, algo ou alguém de quem se fala, não participa de fato da situação comunicativa, por isso alguns autores, como Benveniste (1995) e Lyons (1968), deslegitimam o fato de se atribuir a categoria de pessoa para tais pronomes. Como já foi afirmado, Benveniste (1995), por exemplo, considera a terceira pessoa como **não-pessoa**. Esse autor acrescenta ainda que, em algumas línguas, a terceira pessoa, diferente da primeira e da segunda, pode não ser marcada no verbo.

Recorrendo a outras línguas, Benveniste (1995) exemplifica que a pessoa entendida como **ele** na situação pode estar presente, mas isso se dá em casos em que tal pronome é entendido como forma de tratamento, uma reverência; ou ainda quando o locutor não quer dirigir a palavra a tal pessoa, e o menospreza usando o **ele**.

Na terceira pessoa, o sujeito nunca é proposto como pessoa, mas sim como objeto, pois para ser conter a noção de pessoa, o sujeito deve participar do ato

enunciativo. A terceira pessoa também se situa no nível sintático, no nível textual da língua, uma vez que remete a elementos do próprio texto, garantindo-lhe certa coesão. Entendemos por coesão, a relação de lógica e de harmonia entre as partes do texto.

“A bicicleta de Thiago está muito velha. Ela já não tem mais serventia.” No exemplo supracitado, o pronome de terceira pessoa **ela** retoma o termo bicicleta dentro do próprio texto, não se ligando diretamente a instância discursiva. Se não houvessem esses tipos de elementos coesivos, os textos teriam palavras demasiadamente repetidas, o que certamente causaria cansaço ao leitor.

Com essas breves considerações teóricas, fica evidenciado que a língua é muito mais do que aquilo que a gramática descreve. É nas situações de interação entre os falantes que captamos o real funcionamento da mesma.

Metodologia

Para confirmar nossa hipótese da possibilidade de variação do uso dos pronomes quando estes se referem às pessoas do discurso, procuramos analisar transcrições de entrevistas realizadas pelo grupo de Discurso e Gramática na cidade de Natal. A escolha de tal *corpus* se deu por acreditarmos que ele seria o material mais consistente para corroborar a hipótese de que ocorre certa versatilidade no uso dos pronomes pessoais.

Quando se definiu o objeto a ser investigado – os pronomes pessoais no discurso –, tínhamos convicção de que o fenômeno da versatilidade pronominal era característico da modalidade oral da língua, o que também justifica a escolha do *corpus*, justamente por se tratar de texto falado, no gênero entrevista. Segundo Benveniste (1995), numa conversa as pessoas do discurso vão se apresentar claramente marcadas, o que provavelmente não acontece em um tratado científico.

Os gêneros orais, tal como a entrevista, têm características específicas que influenciam, de certa forma, o modo de organizar o discurso dos falantes. É no texto oral que as pessoas do discurso são mais fortemente marcadas, sobretudo porque nessa modalidade da língua ocorre uma alternância de turnos na interação. Grosso modo, é um texto não planejável, o que lhe confere um retrato mais verdadeiro do comportamento linguístico dos falantes.

Fizemos uma primeira leitura das doze entrevistas selecionadas mapeando as ocorrências dos pronomes pessoais, ainda sem um olhar crítico. Em seguida, numa

segunda leitura, analisamos o funcionamento textual de tais pronomes, verificando sua referência e sua função nos enunciados. Na etapa seguinte, averiguamos se os casos reunidos, de fato, se enquadravam no fenômeno versatilidade pronominal. Com os exemplos coletados, tivemos que fazer a seleção de quais deles seriam representativos e seriam inseridos no corpo do texto.

Análise de dados

Para evidenciar o que nos propomos, analisar o funcionamento dos pronomes em relação às pessoas do discurso, exporemos e comentaremos alguns trechos das entrevistas que compuseram nosso *corpus*.

Em nossa análise, pudemos comprovar que o pronome **eu** é, sem dúvida nenhuma, o responsável por marcar o falante de primeira pessoa de quem parte o enunciado, sendo majoritariamente utilizado nessa função. Porém há, basicamente, dois casos que encontramos que o pronome **eu** não se refere diretamente ao falante de quem parte o discurso: no caso do discurso relatado, quando o locutor incorpora a fala de outrem, como mostram as ocorrências (1) e (2), abaixo:

(1) “... e eles quando pegavam um dinheiro era a primeira coisa que ela dizia... **eu** quero uma cama...”

(2) “aí daqui a pouco um cara que num... que não... me perguntou se eu queria ou não... chegou e me indicou... **eu** indico o nome de Gerson...”

Os exemplos acima comprovam a ideia de Benveniste (1995) quando ele fala da primeira pessoa. Para ele, o **eu** só tem validade enquanto primeira pessoa quando é proferido no ato da realização linguística, o que não ocorre com tais exemplos, pois os mesmos foram recuperados de sua realização primeira para o contexto da fala do entrevistado.

Outro uso desse pronome é quando o mesmo se comporta de forma genérica, quando o **eu** pode ser qualquer pessoa, inclusive o falante, ou um grupo de pessoas delimitado pelo contexto:

(3) “a solução dos meus filhos futuramente tá nas minhas mãos... mas ele tem medo de enfrentar... de encarar a realidade... de pegar o seu direitos de voto e dizer assim... ‘**eu** vou usar essa arma’”

(4) “...tem que ser uma pessoa muito de bem... muito esclarecida... que pense... que pense... que:: pense o seguinte... ‘**eu** vou passar cinco anos aqui e mesmo que **eu** num volte... vou ganhar meu dinheiro honestamente .. vou fazer alguma coisa pelo meu país”

No exemplo (3), primeiro caso do uso genérico, **ele** e sobretudo **eu** se referem aos sertanejos, que, segundo a entrevistada deviam saber o poder do voto eleitoral para mudar sua realidade. Mesmo que se tente entender o **eu** proferido pela entrevistada como referente a ela própria, o contexto não permite isso, pois a mesma se refere claramente as pessoas do sertão; já no segundo caso, o **eu** se refere a qualquer pessoa que queira entrar no meio político. Nessas ocorrências, o falante, a princípio, não está implicado no discurso que contém o pronome **eu**. Pudemos perceber que o **eu** é o pronome pessoal mais usado e de menor variação no discurso, ou seja, o que é ainda o mais usado em sua ideia nocional primária.

A primeira pessoa também se dá no plural, através do pronome **nós**. Pressupõe-se que sua formação se dê por um **eu** juntamente com um **não-eu**, ou seja, é sempre a primeira pessoa mais a segunda ou a terceira pessoa. Acontece que muitas vezes, a própria primeira pessoa não está incluída no **nós** que foi proferido por ela, funcionando, na maioria das vezes, como segunda pessoa do singular, excluindo, assim, o caráter pluralizante de tal pronome naquela ocorrência:

(5) “Carlos... hoje **nós** vamos fazer uma:: narrativa de... experiencial... você pode me contar alguma coisa que você passou... que foi bom ou foi ruim... que conte como experiência sua...”

(6) “Diva... **nós** vamos fazer hoje uma narrativa recontada... tem algum filme ou algum livro que você leu... que você gostou e poderia recontá-lo pra mim?”

O entrevistador, nos dois exemplos acima, se reportando ao entrevistado, dá a entender, através do pronome **nós**, que ambos farão tal narrativa, porém, sabemos que apenas o entrevistado é quem produzirá o texto. Assim, esse pronome assume a função muito mais de segunda pessoa. Isso é o que podemos chamar de plural de solidariedade, pois, aparentemente, tira a responsabilidade completa do entrevistado. Essa falsa pluralização é usada numa tentativa de fazer com que o falante fique mais à vontade e desenvolva seu texto oral com mais naturalidade.

Se o **eu** segue sendo o representante máximo da primeira pessoa, o mesmo não acontece com o seu correspondente no plural, o **nós**, pois com a popularização da expressão **a gente**, as duas formas se tornaram concorrentes. Diferente do **nós**, no qual sabemos que se configura por **eu + não-eu**, o **a gente** não tem fórmula definida, o que se sabe é que tal expressão pode permutar com **nós** e que a primeira pessoa também é constitutiva de tal expressão.

Não podemos dizer que a escolha de **a gente** em vez de **nós** se dá de forma involuntária, mas também não podemos afirmar que o falante tem total percepção do sentido que pode ser apreendido com aquela escolha.

(7) “também antigamente num sei se ainda funciona... tinha... tinha... circuito fechado... num sei parece que desativaram... nunca mais eu usei... **a gente** usou...”

(8) “foi no mês de fevereiro... no feriadão do carnaval onde **a gente** fez um retiro para... pra uma praia de Coqueiros...”

(9) “porque hoje em dia **a gente** não pode mais ser livres... hoje nós estamos... hoje nós estamos presos e os ladrões estão soltos... então a minha casa tem dois portões”

Nesses três exemplos acima, percebemos o quanto **a gente** pode ser indeterminado, e que essa indeterminação é provocada pelo falante de forma não muito involuntária, pois o mesmo conhece os artefatos da língua. Na ocorrência (7), o falante chega a corrigir sua fala, em vez de **eu**, **a gente**, para indicar que o uso do circuito fechado não era exclusividade dele, mas sim de todos os alunos da escola a qual ele se referia em sua entrevista; no exemplo (8), a informante usa a referida expressão pronominal sem ter feito menção a outras pessoas, entende-se então que a referência está sendo feita às pessoas que foram para o retiro; já na ocorrência (9), em **a gente** há uma indeterminação maior, pois a referência é vaga.

Se o **nós** tem, atualmente, como concorrente a expressão pronominal **a gente**, o mesmo não aconteceu com o **tu**, pronome de segunda pessoa, que foi largamente substituído por **você** no quadro do sistema pronominal brasileiro, no caso do **tu** já não se pode falar em concorrência com o **você**, mas sim de substituição mesmo. No *corpus*, praticamente não há ocorrência de **tu**. Porém, por mais que o **você** funcione como pronome de segunda pessoa, fazendo referência ao interlocutor, embora isso ainda não esteja amplamente caracterizado nas gramáticas e nos LDs,

seu uso é bem mais diversificado, chegando, por vezes, a não ter um referente direto. O **você** constitui um pronome com expressiva multiplicidade de usos, sendo seu referente, por vezes, entendido apenas no contexto da enunciação. Há casos em que o **você** se refere não a um ouvinte, mas ao próprio falante de quem parte do discurso. Veja abaixo:

(10) “cada pessoa nordestina... aquela mesmo que sente a situação... que passa... que passa o seu país e a vida que ela atravessa a cada dia... **você** nota nos olhos dela a:: a:: a coisa precária mesmo como ele se encontra”

(11) “Entrevistador: e eles têm alguma ficha... alguma coisa... como é que você preenche... assim?
Informante: não... quando é particular **você** só dá o recibo ...”

Observe que nos dois exemplos, as informantes usam o **você** para ações que elas mesmas realizam, realizaram ou podem realizar, tanto que substituindo o **você** pelo **eu**, os trechos não teriam seus sentidos alterados.

Esse mesmo sentido que o pronome **você** adquiriu no exemplo acima, é obtido pela expressão pronominal **a gente** em diversos momentos do corpus. Veja:

(12) “**a gente** marca no caderno... na agenda... pega o nome do paciente... telefone pra contato... porque pode haver algum imprevisto... do médico ter... o... o plantão... de repente uma cirurgia de urgência... e não vim poder atender... **a gente** liga pro paciente... pra avisar... pro paciente num dar viagem perdida... então **a gente** marca... coloca o nome do paciente... telefone... e:: espera o dia do paciente vim... quando o paciente chega... se for consulta particular... pronto... a gente diz o valor e eles dão o dinheiro... e **a gente** dá o recibo de que foi pago... então o paciente é atendido... se for por convênio...”

No exemplo (12), a informante utiliza o **a gente** para ações que ela própria realiza, mesmo tendo informado à entrevistadora que trabalha sozinha no atendimento e na recepção de uma clínica. O **a gente** nesse caso é muito mais singular.

Numa das partes da entrevista, o informante tinha que descrever um lugar de sua preferência, e era nessa descrição que o pronome **você** chegava ao seu grau máximo de impessoalidade. É um **você** que pode ser qualquer pessoa. Veja os exemplos abaixo:

(13) “depois tem uma escada... **você**... chega lá na porta de entrada mesmo... antes da porta de entrada tem umas escada... aí **você** entra... tem uma... umas sala do lado direito”

(14) “então pra **você** entrar na minha casa... **você** passa por um portão estreito... de ferro todo marrom... aquele ferro grosso ... **você** sobe... tem uma parede em frente que é de mármore... que faz com que **você** tenha que entrar à direita... **você** sobe um degrau... depois **você** está na:: **você** tem uma varanda”

(15) “quando **você** entra à esquerda dele... no corredor tem al/ tem é... três salas... né três salas grandes... quando **você** entra logo à esquerda tem um corredor que tem três salas grandes do lado esquerdo... do lado direito tem dois banheiros e mais a biblioteca do colégio... mais no fundo... não é... quando **você** entra também... **você** subindo à esquerda logo... **você** vê a escada... né... a escada no primeiro andar... quando **você** sobe... tem mais duas salas ...”

A terceira pessoa, ou não-pessoa, difere das duas primeiras em vários aspectos, como já foi visto. Mas também pode apresentar versatilidade no que concerne às pessoas do discurso tal qual as duas primeiras.

(16) “Entrevistador: Diva... é... nós vamos fazer agora um relato de procedimento... tem alguma coisa... assim... que você sabe fazer e que você poderia:: relatar pra mim como é que faz?
Informante: posso lhe dizer como é que **prepara** um jantar né... um jantar que **eu** fiz a semana passada pro meu marido...” (2-RP)

A forma não marcada do verbo “**prepara**”, na ocorrência (16), reflete uma construção na terceira pessoa, mas o contexto nos permite inferir que essa terceira pessoa funciona na verdade como primeira pessoa. Primeiro porque a pergunta é diretamente para a informante, segundo porque ela própria utiliza o pronome **eu** na continuação da sua fala. Mas por que essa escolha, involuntária, pela terceira pessoa? O trecho “posso lhe dizer como é que **prepara** um jantar” possibilita a interpretação de que se trata de qualquer jantar, por isso a utilização não da primeira, mas da terceira pessoa.

Nos exemplos abaixo, há duas ocorrências do pronome **ele** em cada excerto, porém elas têm referentes distintos, no exemplo (17), o primeiro **ele** representa o avô do informante; o segundo, o tio; já no exemplo (18), o primeiro está se referindo ao filme, e o segundo ao homem.

(17) “meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... **ele** sofreu um acidente... infelizmente morreu...minha mãe tinha cinco anos...

né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e **ele** foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco...”

(18) “eu vou contar um filme... que eu assisti faz pouco tempo... um... o filme... eu assisti no cinema... é... mudança de hábito... **ele** narrava a história de uma... de uma mulher... né... que cantava à noite... cantava em boates... e ela tinha um... um caso né... com um homem... que **ele**... é...trabalhava... mexia assim com drogas...”

O mesmo pronome para indicar pessoas diferentes num texto ou numa situação é uma característica da terceira pessoa, podendo até alternar a referência entre uma pessoa, um animal ou um objeto. Isso não seria possível de acontecer com **eu** e **tu**, pois eles são únicos, e só mudam de referentes quando os mesmos se invertem na relação de forma consciente.

Considerações finais

A análise comprovou a ideia que tínhamos a respeito do caráter versátil da representação das pessoas do discurso através dos pronomes pessoais, quando analisados no texto falado. A utilização do **eu** de forma genérica, se referindo não ao enunciador do discurso, mas sim a outra pessoa ou grupo de pessoas em que o contexto é capaz de definir. A primeira pessoa do plural, **nós**, também tem suas variações; viu-se que são possíveis construções em que o **nós** representa uma situação na qual a primeira pessoa não está incluída, tal como postula a gramática.

Notamos também que a expressão pronominal **a gente**, fazendo às vezes da primeira pessoa do plural, é concorrente direta do **nós**. E que tal expressão também pode variar quanto aos seus referentes. Podemos dizer que o **a gente** está numa escala que varia entre a primeira pessoa singular e a primeira pessoa plural, em que o contexto será capaz de definir a quem tal expressão está mais perto nessa escala. O **você** nem sempre funciona, de fato, como segunda pessoa, podendo se referir até as três pessoas do discurso de forma genérica.

No que tange à terceira pessoa, notamos que os falantes podem estruturar seu dizer na terceira pessoa, mas que na verdade, com a ajuda do contexto, percebemos que se trata da primeira pessoa. Além desse ponto, constatamos que a terceira pessoa, por vezes, não se refere de fato a uma pessoa. Vimos que num mesmo enunciado pode haver diversos referentes para a terceira pessoa, como um objeto, um animal, etc.

Uma questão que se levanta quando se percebe essa mudança por que os pronomes vêm passando e o quão versátil e variável é esta classe é a seguinte: De que forma os pronomes estão sendo tratados no âmbito educacional, sobretudo nos livros didáticos? Normalmente, é através dos livros didáticos que os professores amparam sua prática pedagógica e com isso abordam os pronomes. No que tange aos assuntos gramaticais, os LDs refletem o que é postulado pelas gramáticas. Isso significa que muitas vezes ocorre certa deficiência nos conteúdos gramaticais dos LDs por conta da falta de atualização das gramáticas. Dessa forma, sentimos a necessidade de a gramática rever o sistema pronominal brasileiro, atentando para a versatilidade pronominal que ocorre nas pessoas do discurso, para que sejam abarcadas no ensino dos pronomes, questões que foram levantadas neste trabalho.

Referências

BARRENECHEA, A. M. **El pronombre y su inclusión en un sistema de categorías semánticas**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007. <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pronombre-y-su-inclusin-en-un-sistema-de-categoras-semnticas-0/html/>>.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral**. Campinas: Pontes, 1995.

CARVALHO, J. A. **Conceito de Pronome: os pronomes pessoais**. Revista Internacional de Língua Portuguesa. Lisboa. 1991.

CASTILHO, A. T. de.; ILARI, R., 1943-.; BASILIO, M. **Gramática do português falado**. São Paulo: Ed. da UNICAMP: FAPESP, 1993-1996.

LOPES, CELIA REGINA DOS S. Pronomes pessoais. In: Sílvia Figueiredo Brandão e Sílvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114. <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/pronomes-contexto.pdf>>.

_____. **O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino**. Matraga, Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012 <<http://www.pqletras.uerj.br/matraga/matraga30/arqs/matraga30a06.pdf>>.

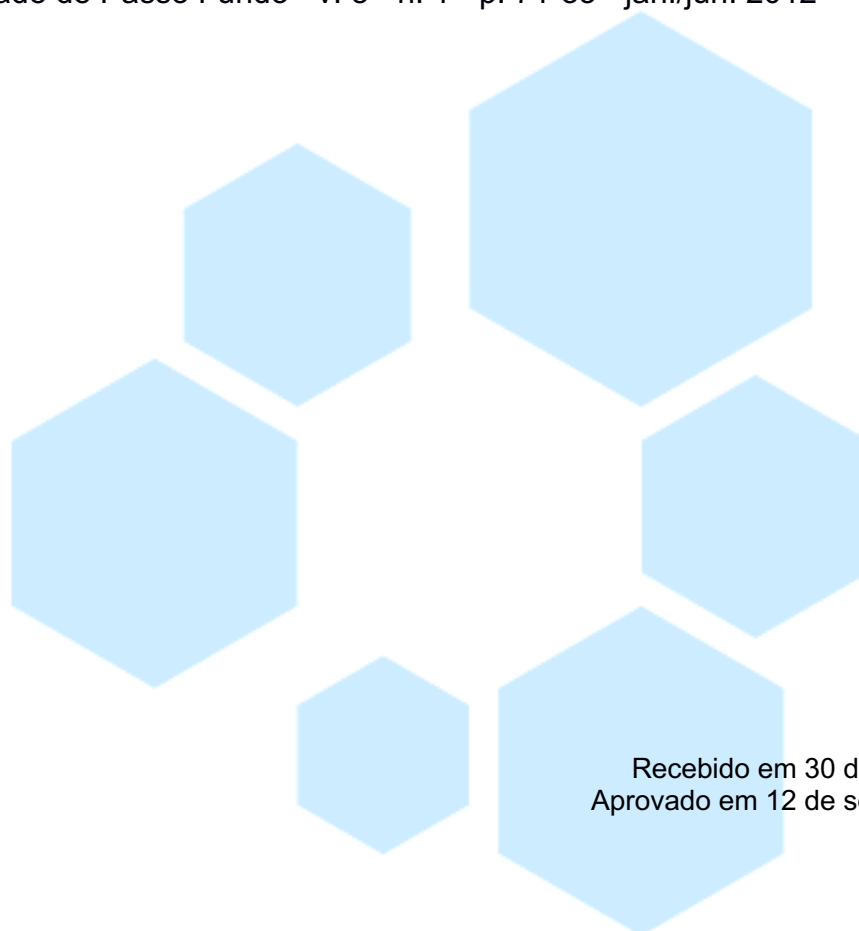
MENON, O. P. da S. **O sistema pronominal do português**. Letras, Curitiba, n.44, p.91-106. 1995. Editora da UFPR <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewFile/19069/12374>>.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SANTOS, J. T. dos. **A descrição do pronome nas gramáticas brasileiras do século XIX**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2011.

TEIXEIRA, M. **O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1 - p. 71-83 - jan./jun. 2012



Recebido em 30 de março de 2019
Aprovado em 12 de setembro de 2019